

*Ministro Dornelles; Ministro Lampreia; Ministros que estão aqui presentes; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores;*

Creio que as evocações aqui feitas são muito significativas. Fez muito bem dona Isabel Meira de remontar a 52, porque eu acho que a história de um país não se faz de repente. Há momentos que são de maior densidade, de maior criatividade. Há alguns marcos.

Efetivamente, os anos 50, depois da guerra – hoje, quando se fala na guerra, parece uma coisa abstrata, mas para nós, mais velhos, não é uma coisa abstrata –, houve um momento, no Brasil, de muita confiança, de muita esperança. O desenho de uma infra-estrutura nova, a ambição de que este país pudesse ter um Estado capaz de servir ao seu povo se desenhava com muita força.

Getúlio, na sua segunda fase, foi um marco disso. Mais tarde – isso tudo, para nós, mais velhos, é memória, é história quase que de casa –, com Juscelino, esse espírito ficou mais arrojado. O Brasil já estava mais autoconfiante, já tinha condições de olhar para o mun-

do começando a não ter complexo de fazer uma barreira, de perceber que havia que estabelecer liames. E deu um salto imenso.

Nós todos sabemos – aqui, foi marcado pelas palavras do Dr. Valentino – que essa transformação não foi só na indústria automobilística. A indústria naval também esteve aí, presente, a construção de estradas, a construção de Brasília, como já foi mencionado. Era todo um espírito novo.

Pois bem, os anos 80 foram anos cruéis, não porque nós quiséssemos, mas porque, depois de um certo elã nos anos 70, sob a forma autoritária – isso é preciso sempre não esquecer –, se cortou, de certa maneira, o impulso que vinha de antes, que impediu que houvesse o florescimento de uma porção de tendências, não só tendências que estavam materializadas, mas tendências no que diz respeito à ousadia, à capacidade de um povo de lançar-se numa certa aventura. Isso foi muito constrangido.

Mesmo assim, houve crescimento na década de 70. Na de 80, nem isso. A de 80, apesar dos esforços de muitos dos aqui presentes, foi uma década muito difícil, que dava a impressão, realmente, de que os ganhos de uma nação que se estava afirmando a si mesma e com mais crença no seu futuro estavam já num horizonte distante, quase perdidos.

Aqui, na década de 90, é uma história curiosa, porque os primeiros acordos da indústria automobilística foram em 92. Em 92, a incerteza era imensa. Era muito grande. E a falta de crença no Brasil era extraordinária. Lá fora, então, nem se fale. Aqui, alguns me acompanharam ao Chile, quando eu era Ministro das Relações Exteriores. Não me recordo exatamente se foi em 93, em que momento foi. Eu tinha uma enorme dificuldade de fazer crer aos outros aquilo que a mim me parecia que já estava ocorrendo no Brasil, com modificação.

E, nesses caprichos da história, é preciso lembrar que Getúlio lançou bases, que Juscelino despertou esse entusiasmo imenso. Mas quero fazer uma referência a Itamar Franco, que cismou com o automóvel, com o modelo antigo da Volkswagen, cismou com aquilo. Foi até um pouco criticado. Mas aquilo era um símbolo de retomada de um

mercado de massa. E foi a partir dali, a partir de mecanismos que, depois, não se firmaram como mecanismos capazes de levar adiante as transformações das câmaras, mas que deram um certo impulso é que se começou a redesenhar a possibilidade do Brasil.

O Brasil começou a crescer antes de nós percebermos. Em 93, ninguém acreditava que nós estivéssemos retomando o crescimento, e estávamos. Havia uma inflação imensa – aí, eu tenho certeza que foi em 93. No Itamaraty, quando vinham os estrangeiros das multinacionais, eu tentava convencê-los de que, apesar da inflação, havia campo para negócio, havia lucro e havia possibilidade de desenvolvimento. A inflação toldava tudo isso, impedia que se visse o que já estava mesmo acontecendo. Não sei se seria possível ter seguido adiante com aquele crescimento, que estava começando em 92, 93 e que não dependeu do Governo, foi feito pelas próprias empresas, pela sociedade brasileira, porque ela foi, pouco a pouco, se reorganizando – aí, sim, já com liberdade – e buscando raízes, para que fosse possível uma avançada maior mais adiante.

A inflação prejudicava ver isso. E é verdade que, com o Plano Real, nós conseguimos colocar as coisas num certo trilho, num certo eixo. Foi possível desanuviar a poeira. Há um verso muito bonito de Fernando Pessoa sobre a poeira nos olhos – me recordei, de repente, disso. Era como se estivéssemos encantados pela poeira, pela inflação, a tal ponto que as pessoas acreditavam que ganhavam, gente pobre que punha dinheiro na poupança, e rendia 30%, meu Deus, não rendia nada. Não se tinham os mecanismos para descontar a inflação. Foi um processo de empobrecimento crescente.

Mesmo assim, vencida a inflação, viu-se, de novo, o que é este país. Desde que eu estava no Ministério da Fazenda, passei a ter relacionamento contínuo com muitos dos que aqui estão. E, quando vieram, os primeiros que chegavam com estatísticas, em 93, para mostrar que as coisas estavam andando e que era possível fazer algo, eu próprio tinha uma ponta de dúvida, mas o dever de ofício jamais me revelava a dúvida. Na verdade, tinha uma ponta de dúvida. E muitos dos senhores vieram, em 93, ainda antes do Plano Real, para

dizer que estavam acreditando em alguma coisa. Nós todos queríamos acreditar em alguma coisa.

A verdade é que o Brasil tem essa força imensa, essa capacidade de, de repente, acreditar. E escolhe um caminho, escolhe até as pessoas, sem que elas queiram, muitas vezes. Não há o que fazer. Aquilo vem com uma força enorme.

Hoje, nós temos um horizonte. Este horizonte, hoje, nos permite, quem sabe, sonhar a voltar a ter a criatividade e o entusiasmo e a coragem de Juscelino. É sabido por todos que, num dado momento, quando eu era candidato a presidente da República, graças à gentileza da família Kubitschek, fui ao Memorial JK para justamente mostrar que era preciso retomar aquele espírito de desenvolvimento, de crescimento, numa nova etapa, que é esta que já foi mencionada tantas vezes aqui, que requer a estabilização.

Não existe mais no mundo possibilidade de desenvolvimento sem estabilização. Nem de bem-estar social. Quanta gente diz tanta coisa sem sentido. Como separam o que é econômico do que é social? Não se pode separar. Recentemente, saiu uma pesquisa do Ipea, que nos entusiasmou bastante, porque mostrou que, de julho de 94 a janeiro de 96, cerca de 5 milhões de pessoas, de seis capitais do Brasil – só pesquisaram em seis – passaram a linha de pobreza, por causa do Plano Real, por causa da estabilização, por causa da possibilidade de ter uma moeda que tenha valor e tenha força.

Então, a estabilização, em si mesma, já traz bem-estar. Não basta. Precisa dar emprego, precisa dar habitação, precisa de saneamento, precisa organizar o Estado, precisa das reformas, precisa de uma transformação mais profunda. Mas a condição é essa mesmo.

E, nesse ponto, eu serei, como tenho sido, inflexível. Tenho dito isso não só com palavras. Tenho enfrentado dificuldades muitas, e os senhores sabem disso, pressões enormes, de todo tipo – políticas, econômicas, de todo tipo – para que se faça uma concessão aqui, outra concessão ali. No que diz respeito ao essencial, não fiz nenhuma. Não fiz nenhuma porque eu acredito que essa é a condição necessária. Há problemas, há sofrimento, mas o sofrimento maior,

o problema maior é não ter a capacidade de controlar o processo inflacionário, ter uma moeda que se desvaloriza e que impede a previsibilidade.

Para que possamos ter, de novo, como estamos começando a ter, a capacidade de sonhar, a audácia de imaginar coisas novas e a coragem de lutar por elas, nós precisamos ter uma certa retaguarda, precisamos ter condições, que são previsíveis. Essas nós vamos ter que manter. E nós as vamos manter.

Dentro disso, acredito que, efetivamente, hoje, o Governo e a sociedade têm as condições para definir caminhos. Quando nós definimos, como fizemos, o regime automotivo, nós o fizemos com consciência. Hoje, o Ministro José Serra, o ex-ministro, Senador José Serra qualificou-o de uma competição produtiva. Não se fechou a economia, abriu-se, criaram-se condições para mais importações de equipamento, de matérias-primas, num mundo que é diferente do mundo anterior, onde nós tínhamos que, realmente, nos defender, de certa maneira, para que pudéssemos, como outros países fizeram, dar um salto adiante.

Agora, nós sabemos que não podemos fechar a economia, e não vamos fechar a economia. Pelo contrário, vamos manter essa economia aberta, mas em condições de competição e em condições de atrair recursos para a produção, como estamos fazendo no setor automobilístico. Doze bilhões de reais é muito dinheiro. Mas nós, no Brasil, perdemos um pouco até a noção dessas coisas. Parece que um bilhão... Aqui se fala de um bilhão como se não fosse nada. Eu fico espantado: “Ah, um investimento de 150 milhões de dólares...” Nem se registra. Neste ano se esperam entradas de investimento direto entre 5 e 7 – ninguém sabe – bilhões de dólares. É muito dinheiro.

Então, nós, hoje, temos, efetivamente, condições de voltar a definir, a desenhar um caminho, um futuro, a acreditar no país, a acreditar que as coisas vão dar certo e passar tranquilamente pelas ondas que eu chamo de fracassomania, não é? É essa fracassomania: “Não vai dar certo, não vai dar certo...” Vai! Está dando certo! Não é que vai dar, está dando certo! É uma teimosia não ver o que está acontecendo.

Tenho um grande amigo, que alguns aqui conhecem, Professor Albert Hirschman, nos Estados Unidos, Professor da Universidade de Princeton, que escreveu um trabalho famoso sobre o desenvolvimento na América Latina e veio muitas vezes ao Brasil, ia muito à Colômbia, ao Chile. Ele disse: “O problema é que vocês levam a vida inteira discutindo os obstáculos ao desenvolvimento e não estão percebendo que existem obstáculos a *ver* o desenvolvimento, obstáculos mentais.” As pessoas não querem aceitar que as coisas mudaram e que estão mudando e que estão avançando. Há aí, de novo, uma poeira, poeira morna, que entorpece o cérebro e que desvia a visão, de tal maneira que só se vê o pequeno, o erro, o detalhe, a coisa que não deu certo.

Mas isso não tem nada a ver com o sentimento real deste país. Isso não é afim conosco. Isso não foi com Juscelino. Não foi assim. Não foi com Lúcio Meira; não foi assim. Eles acreditaram, participaram de uma aventura dura. E, no momento em que se lançaram à aventura, se lançaram sem certeza alguma. É esse o bonito da política. Quem quiser certeza não faz política e não faz, também, desenvolvimento, fica para trás. Aí é seguro. O passado é sempre fácil de entender. O difícil é você criar as condições para dar o passo adiante. E, aí, se joga a aposta. A aposta não pode ser cega, ela tem que ser motivada, tem que ter firmeza, crença e razão; tem que ter o entendimento para que se mostre que o caminho é possível de ser percorrido.

Acho que, hoje, nós temos essas condições. É por isso que eu vim aqui jantar com vocês, jantar com o Silvano, com tantas pessoas da indústria automobilística, da Anfavea, dos outros setores, porque acho que vocês também acreditam. Tenho certeza de que também acreditam. Tanto acreditam que escolheram para homenagear, nesta noite, dois grandes brasileiros: Lúcio Meira e Juscelino Kubitschek. Eu me junto a essa saudação.

Muito obrigado.